



GUIA DE BOAS PRÁTICAS

PARA VISITANTES
E MORADORES DO PANTANAL



**Bichos do
Pantanal**

PROJETO AMBIENTAL
BRASIL



Expediente

Realização:

Projeto Bichos do Pantanal

Coordenação:

Jussara Utsch

Edição:

Juliana Arini

Redação:

Claudia de Pinho
Claudionor Duarte Corrêa
Evelyn da Silva Damasceno
Maria Claudia Ovelar
Nelci Eliete Longhi
Orilzo de Campos Silva

Revisão:

Ana Luisa Bellavinha
Claumir Cesar Muniz
Douglas Trent
Mariana Meireles Aguiar

Fotos:

Claumir Cesar Muniz - Foto p15
Douglas Trent

Arte mapa:

Carlos Thadeu Gontijo de Ávila

Citações e colaboração de conteúdo:

Associação dos Pescadores Profissionais de Cáceres - Appec
Colônia de Pescadores Z2
Estação Ecológica de Taiamã- Esec Serra de Taiamã
Estação Ecológica Serra das Araras - Esec Serra das Araras
FASE Mato Grosso
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
International Union for Conservation of Nature - IUCN
Secretaria de Indústria Comércio Meio Ambiente e Turismo de Cáceres - SICMATUR
Secretaria de Estado de Meio Ambiente - SEMA/MT
Ministério do Meio Ambiente - MMA
The Ecosystem Alliance

www.bichosdopantanal.org

Realização:



Patrocínio:



PETROBRAS





Apresentação

Conexão com a Natureza: conhecer para preservar” é o lema do **Projeto Bichos do Pantanal**. Responsável pela publicação desta Cartilha, o Projeto visa fomentar as boas práticas ambientais entre os moradores e os visitantes do Pantanal, maior área úmida continental do Planeta.

Com o objetivo de promover a educação ambiental e o despertar da conexão com a natureza em todos que passeiam e vivem no Pantanal, este material busca sensibilizar as pessoas sobre os cuidados com os recursos hídricos, com a biodiversidade e com os aspectos culturais que integram esse bioma.

As crises hídricas, climáticas, o crescimento demográfico desmedido e o avanço sobre as últimas áreas selvagens cobram urgência nas ações e uma rápida mudança de paradigma.

O futuro e o bem estar das próximas gerações serão consequências de como vamos tratar as áreas naturais ainda intactas, seja como moradores no dia a dia, seja como visitantes e turistas.

Para apoiar esse novo caminho, este material aborda temas como os ciclos d’águas que regem o Pantanal, a diversidade biológica da região, o turismo de natureza, a questão da pesca e do lixo. O convite é para que todos conheçam a biodiversidade do Pantanal, e além de boas práticas, cada um de nós se torne um defensor desse ecossistema.

Jussara Utsch

Coordenadora do Projeto Bichos do Pantanal
e do Instituto Sustentar

O Projeto Bichos do Pantanal

Foi para unir as três vertentes: preservação e conservação das espécies da região; a educação ambiental envolvendo escolas, população e turistas; e o fomento de atividades que gerem renda para os moradores locais, que Douglas Trent - ecólogo, fotógrafo e especialista em turismo de natureza, associou-se à Jussara Utsch, especialista em desenvolvimento sustentável, e juntos criaram o **Projeto Bichos do Pantanal**.

Em 2012 o Projeto foi contemplado na seleção pública do **Programa Petrobras Ambiental**. Com patrocínio da **Petrobras** foi possível realizar o projeto que está em atividade há mais de um ano. Com o lema “Conexão com a Natureza: Conhecer para preservar”, o **Projeto Bichos do Pantanal** atua com pesquisa e conservação de onça-pintada, ariranha, lontras, espécies da avifauna e peixes (ictiologia) do Pantanal.

A biodiversidade das espécies de peixes da região do Alto Pantanal, na região de Cáceres, é outra frente do **Projeto Bichos do Pantanal**. Esse estudo de ictiofauna é desenvolvido através de uma parceria com a Universidade do Estado de Mato Grosso. O segundo foco de ação do Projeto é transformar a natureza em sala de aula com ações de educação ambiental no rio Paraguai e em trilhas ao ar livre.

A terceira linha de atuação do **Projeto Bichos do Pantanal** é o empoderamento e a geração de renda para as comunidades locais. Para isso foi criada a **Rede de Cooperação Bichos do Pantanal**, que atua em prol do desenvolvimento local, hoje com foco no desenvolvimento do turismo de natureza e em ações para melhorar a renda dos pescadores profissionais e outras comunidades tradicionais. Mais informações no site: www.bichosdopantanal.org



Ser pantaneiro é preservar o Pantanal

Pantaneiro é o nome dos habitantes dessa região, pois a sua vida depende das diferentes fases e ciclos d'águas: cheia, vazante, estiagem e enchente. A cultura pantaneira, como a música e as festas religiosas de santos, é transmitida há séculos entre gerações.

Mas, o pantaneiro não é apenas o integrante das populações tradicionais, como os pescadores, que vivem dos recursos naturais, como a pesca, plantas medicinais, criação de gado e agricultura.

Todos os moradores da região são pantaneiros, pois pertencem ao Pantanal! Mesmo nas cidades a vida está conectada com as aves, as árvores e os animais. A responsabilidade de cuidar do Pantanal também pertence a todos os seus moradores.

Plantar árvores nativas nas regiões desmatadas, combater o desflorestamento, apoiar o planejamento das cidades e pressionar para implantarem o tratamento de esgoto nos municípios são algumas das ações que os pantaneiros podem por em prática para salvar o Pantanal. Conhecer para preservar é outro importante caminho!



O Pantanal por inteiro

SUB-REGIÕES %

Bacia do Alto Paraguai	
Cáceres	9,01
Poconé	11,63
Barão de Melgaço	13,15
Paraguai	5,90
Paiguás	19,60
Nhecolândia	19,48
Abobral	2,05
Aquidauana	3,62
Miranda	3,17
Nabileque	9,61
Porto Murtinho	2,78
Reserva da Biosfera	

MAPA DE LOCALIZAÇÃO



No ritmo das águas do Pantanal

O Pantanal depende dos ciclos das chuvas e o despraiair dessas águas ao longo de um relevo que segue a partir das serras do planalto central até uma das maiores planícies nacionais. Com sua diversidade de paisagens, é considerado a maior área úmida continental do Planeta, abrangendo 70% de áreas no Brasil, 20% na Bolívia e 10% no Paraguai.

No Brasil, os seus limites acompanham o rio Paraguai, que com aproximadamente 2.500 quilômetros de extensão, é o principal formador desse ecossistema, tendo suas mais importantes nascentes na Chapada dos Parecis, desaguando no rio Paraná em Corrientes, na Argentina.

A bacia hidrográfica formada pelos rios do Pantanal, a Bacia Platina, é a segunda maior do Brasil, seus limites abrangem as nascentes do rio Paraguai e terminam na foz do rio Paraná, em Mar de la Plata, na Argentina.

A preservação das nascentes do rio Paraguai é hoje uma das principais questões ambientais do Pantanal. Como essas áreas estão fora da demarcação oficial do bioma e da área considerada Reserva da Biosfera, sofrem com a falta de proteção, avanço do desmatamento, degradação pelo uso intensivo de agrotóxicos, lançamento de dejetos e o plantio de monoculturas.

O Patrimônio das águas

Desde 1988, o Pantanal é considerado Patrimônio Nacional, Reserva da Biosfera e Patrimônio Natural da Humanidade. Além da sua riqueza natural e cultural, é um importante reservatório natural de água doce do Brasil, com uma importante função ecológica para a manutenção de chuvas e recarga do lençol freático das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil. Foram registradas na região pelo menos 4.700 espécies entre plantas e vertebrados. Destes, 3.500 seriam vegetais, 269 de peixes, 98 de répteis, 463 de aves e 212 de mamíferos.

O pulso de inundação do Pantanal também é responsável por sua diversidade de fauna. As baías, lagoas, corixos e alagados que surgem pela cheia dos rios na estação das chuvas, tornam-se um verdadeiro berçário para a ictiofauna deste ambiente.



Animais da fauna pantaneira

O Pantanal é um dos locais do Brasil com maior potencial de visualização de fauna, sobretudo dos grandes mamíferos. Entre as principais espécies que podem ser encontradas na região estão:

Onça-pintada (*Panthera onca*)

O maior felino das Américas e o único do gênero *Panthera* no continente, é considerada um símbolo de força e poder desde as culturas pré-colombianas. Seu corpo é musculoso e compacto. Pesa entre 35 a 194 quilos, mede entre 1,10 a 2,41 metros. É um predador de topo de cadeia, ou espécie guarda-chuva, com uma função importante para regular o ecossistema pantaneiro. Suas presas mais comuns são queixadas e capivaras, mas também podem caçar jacarés, cobras e outros animais.

Capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*)

A capivara é o maior roedor do mundo. Um animal adulto pode pesar até 70 quilos e medir 1,30 metros. Os seus dentes incisivos crescem continuamente e, para desgastá-los, elas estão sempre roendo. Tem hábitos semiaquáticos e é uma excelente mergulhadora, apresentando em suas patas uma membrana que lhe dá mais agilidade ao nadar.

Ariranha e a lontra (*Pteronura brasiliensis* e *Lontra longicaudis*)

A ariranha é bem semelhante à lontra, ambas pertencendo à família Mustelidae. As diferenças entre as duas espécies são visíveis pelo tamanho, sendo a lontra menor, pelas manchas brancas no pescoço e ponta da cauda achatada que as ariranhas possuem e as lontras não. As lontras são mais solitárias, já as ariranhas são bastante sociáveis, formando grupos com muitos indivíduos. De hábitos carnívoros, os principais alimentos desses animais são peixes e pequenos anfíbios, mamíferos e aves. A grande maioria das pessoas acredita que as lontras e as ariranhas são agressivas, propagando sentimentos de medo e de defesa. É importante a sensibilização para mudanças da percepção da população sobre esses animais, uma vez que os mustelídeos sofrem com a caça e a destruição do seu habitat.



Normas para observação das onças no Pantanal

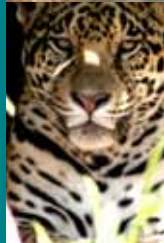
Resolução 85/11 do Conselho Estadual de Meio Ambiente (Consema)

AS PRINCIPAIS INDICAÇÕES DA NORMA SÃO:

- O observador deverá permanecer em silêncio e não atrair a atenção do animal.
- Durante a observação poderão ser utilizados instrumentos: máquinas fotográficas, filmadora, binóculo, luneta e outros, desde que não provoquem alteração no comportamento do animal.
- Para a observação das onças de dentro das embarcações, é necessário manter uma distância mínima de 10 metros da margem do rio para os indivíduos em terra firme e 30 metros para os indivíduos observados na água.
- Havendo mais de uma embarcação nas observações, cada qual poderá permanecer no local por 20 minutos com o número máximo de três embarcações de até 30 pés. São também proibidos o desembarque e a atracação das embarcações a uma distância menor que 100 metros.
- É proibido alimentar ou cevar onças-pintadas ou pardas em vida livre para atrair o animal, aumentar a chance de observação ou garantir uma permanência do indivíduo em determinada localidade. Além disso, fica proibido o lançamento de qualquer objeto que altere ou não o comportamento natural dos felinos.
- É definitivamente proibido atrapalhar os animais de iniciarem ou concluírem a travessia dos cursos d'água ou qualquer outro percurso.

Aproveitando as normas acima, seguem algumas dicas para a observação das onças:

- Os melhores meses para observação do maior felino das Américas são entre julho e outubro, quando a seca impulsiona as onças para as margens dos rios.
- Vá sempre acompanhado por um guia ou responsável que possua total conhecimento da área.
- É altamente aconselhável fazer a observação de dentro de uma embarcação. Isso trará mais segurança e não atrapalhará o trajeto do animal.
- Os melhores horários para fazer a observação são entre meio dia até o final da tarde, quando elas costumam permanecer nas margens do rio.
- Cuidado ao se aproximarem das onças com filhotes, elas ficam mais agressivas.





Observação de aves

A observação de aves, ou *birdwatching*, é uma atividade de lazer que visa contemplar os animais em seu ambiente natural, sem que haja interferência no seu comportamento e habitat.

Veja abaixo algumas dicas de observação e informações sobre as principais aves do Pantanal. Para conhecer um ninhal, todo turista deve ter consciência que existem algumas restrições durante a visitação. Essas áreas são protegidas por lei, seu acesso é controlado e algumas recomendações importantes foram estabelecidas pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Mato Grosso (Sema) e devem ser seguidas.

REGRAS PARA A OBSERVAÇÃO DE AVES NOS NINHAIS DO PANTANAL:

- Leve sempre binóculo ou telescópio para observação. O uso destes intensifica a experiência no ninhal e a satisfação certamente será garantida.
- Dê preferência para a observação a partir de torres ou mirantes, quando possível. Eles são uma excelente opção para uma observação segura das aves.
- Dê preferência para os passeios acompanhados por guias treinados. A observação é sempre mais interessante.
- A visitação deve ser realizada nos horários mais frescos do dia, pela manhã ou no final da tarde. Casa haja saída dos adultos dos ninhos, o sol pode matar ovos ou filhotes.
- Permaneça no mínimo a 75 m de distância do ninhal. A entrada de pessoas no local é expressamente proibida e passível de multa pelos órgãos ambientais. Atenção! Somente pesquisadores devidamente autorizados pelo órgão ambiental competente podem entrar no ninhal.
- Obedeça à sinalização, mantenha-se na trilha demarcada e não ultrapasse as linhas e áreas de isolamento, quando houver. Esta atitude visa a sua segurança e a tranquilidade das aves.
- Ande devagar, fale baixo e não gesticule muito.
- Observe o comportamento das aves. Levantar do ninho, bater asas ou levantar voo significa que foram incomodadas.
- Evite aproximar os barcos dos viveiros. Se inevitável, permaneça em silêncio e não gesticule muito. Se estiver num rio ou corixo a favor da corrente, desligue o motor.

Aves do Pantanal

Tuiuiú (*Jabiru mycteria*)

Ave símbolo do Pantanal é também conhecido como Jaburu. Com plumagem branca e pernas pretas e longas chegam a medir 1,40 metros. É considerada sociável e uma das maiores aves que voam no mundo.



Martim-pescador-verde (*Chloroceryle amazona*)

O martim-pescador-verde é encontrado na região pantaneira, mas está presente em várias regiões do Brasil. Ele atinge uma média de 30 centímetros de comprimento, tem a plumagem superior verde-metálica e a inferior branca nos machos e amareladas nas fêmeas. Geralmente voam rentes ao espelho d'água para capturar pequenos peixes que aparecem na superfície dos rios.

Arara-azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*)

Na região do Pantanal são encontradas em áreas abertas nas matas que possuem palmeiras, enquanto seus ninhos estão localizados na borda ou interior de cordilheiras e capões, bem como em áreas de pasto. A arara-azul está na categoria vulnerável da lista de aves em extinção da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN).



Colhereiro (*Platalea ajaja*)

O colhereiro é uma das mais espetaculares aves do Pantanal. Tem cerca de 87 centímetros e o seu bico é amarelado, lembrando o formato de uma colher, razão do seu nome comum. A coloração de suas penas é adquirida a partir de pigmentos encontrados em suas presas, em especial os crustáceos.

Garça-branca-grande (*Ardea alba*)

É uma das garças mais frequentes e elegantes no Pantanal. Ela é bastante comum na margem dos rios, baías e corixos, principalmente na seca, quando centenas delas se reúnem para pescarem.



Guia básico para observação de aves do Projeto Bichos do Pantanal



Anu-preto
Crotophaga ani



Aracuã-do-pantanal
Ortalis canicollis



Arara-azul-grande
Anodorhynchus hyacinthinus



Batuíra-de-esporão
Vanellus cayanus



Beija-flor-tesoura
Eupetomena macroura



Bem-te-vi
Pitangus sulphuratus



Biguatinga
Anhinga anhinga



Cabeça-seca
Mycteria americana



Cavalaria
Paroaria capitata



Carão
Aramus guarauna



Colhereiro
Platalea ajaja



Curica
Amazona amazonica

Guia básico para observação de aves do Projeto Bichos do Pantanal



Garça-branca-grande
Ardea alba



Gavião-belo
Busarellus nigricollis



Garça-moura
Ardea cocoi



Garça-real
Ptilerodius pileatus



Gavião-caboclo
Heterospizias meridionalis



Gavião-carijó
Rupornis magnirostris



Jaçanã
Jacana jacana



Japacanim
Donacobius atricapilla



João-de-barro
Furnarius rufus



João-pinto
Icterus croconotus



Martim-pescador-verde
Chloroceryle amazona



Periquito-rei
Eupsittula aurea

Guia básico para observação de aves do Projeto Bichos do Pantanal



Pombão
Patagioenas picazuro



Quero-quero
Vanellus chilensis



Sabiá-gongá
Saltator coerulescens



Seriema
Cariama cristata



Socozinho
Butorides striata



Suiriri
Tyrannus melancholicus



Tachã
Chauna torquata



Talha-mar
Rynchops niger



Trinta-réis-grande
Phaetusa simplex



Tucanuçu
Ramphastos toco



Tuiuiú
Jabiru mycteria



Urubu-de-cabeça-preta
Coragyps atratus

Ictiofauna

Os peixes são extremamente importantes para a manutenção da vida no Pantanal. São peças-chave para o sustento de muitas outras espécies, inclusive da vegetação, pois muitos dos que habitam a região são dispersores de sementes, como por exemplo o pacu. Já foram catalogadas cerca de 269 espécies de peixes no ecossistema pantaneiro.



Pacu (*Piaractus mesopotamicus*)

O pacu é um peixe da família Characidae, pode chegar até 8 quilos e é onívoro, alimentando-se de diferentes itens da natureza. Apesar de ter uma dieta bastante abrangente, o seu principal alimento provém de espécies vegetais.



Pintado (*Pseudoplatystoma corruscans*)

Foi o seu padrão de pintas, com pequenas manchas negras e redondas distribuídas pelo corpo, que lhe rendeu este nome. Ele é um grande bagre, um peixe de couro, que habita as profundezas dos rios e baías. Carnívoro, o pintado se alimenta principalmente de outros peixes e tem uma função muito importante na manutenção do equilíbrio das espécies.



Piranha (*Pygocentrus nattereri*)

Da família Characidae (a mesma do Pacu), as piranhas são a espécie mais famosa e temida do Pantanal. Elas são consideradas o peixe mais voraz da região, mesmo não sendo muito grande - tem no máximo 35 centímetros. A piranha nada em grandes cardumes e pode atacar qualquer animal.



Aprenda com os pescadores tradicionais do Pantanal

A Colônia de Pescadores de Cáceres (Z-2) é formada por 811 profissionais e integra uma das comunidades mais antigas do Alto Pantanal. Por meio da pesca artesanal, os pescadores sustentam cerca de quatro mil pessoas a partir da relação com os ciclos do Pantanal, em coexistência harmônica com o meio ambiente.

As três formas mais conhecidas de pesca tradicional no Pantanal são:

- **“Pesca de batida”:** realizada nas margens do rio e próximo à vegetação com vara de bambu e isca de coquinho (tucum - fruta regional), de jenipapo ou de bolinho, mistura de farinha de mandioca e farinha de trigo;
- **“Pesca de fundo”:** com vara e molinete em poços profundos e baías.
- **“Pesca de rodada”:** que ocorre quando a canoa (ou barco) fica solto, descendo a correnteza dos canais. Como iscas, são usados peixes como tuviras, muçum e iscas brancas.

Regras para o Pesque e Solte:

Captura:

Para se obter um bom resultado na pescaria, o mais importante é o equipamento -molinetes, carretilhas, linhas, anzóis e iscas. Estes devem ser condizentes ao peixe e ao ambiente.

Manuseio:

Para retirar o peixe da água o ideal é não utilizar nenhum equipamento, só manusear os peixes com as mãos. Quanto menor for o tempo de permanência do peixe fora d'água, maior a garantia de sua sobrevivência. Em hipótese alguma se deve colocar a mão nas guelras dos peixes, pois trata-se de um aparelho de irrigação sanguínea e de fácil contaminação.

Ao manusear o peixe com as mãos, observar se elas estão molhadas e evitar passá-las sobre o corpo do peixe, para não tirar o seu muco - uma importante defesa dos animais contra infecções e facilitador de seu deslocamento.

Soltura:

Jamais o peixe deve ser jogado na água, deixando-o à deriva. Estressado e desorientado ele se torna uma presa fácil para os predadores. A forma ideal é colocar o peixe na água e sustentá-lo com as mãos pelo ventre, facilitando a sua recuperação lentamente. O peixe só deve sair das mãos do pescador por sua própria iniciativa, assim a sua chance de sobrevivência é muito maior.

É importante lembrar que o peixe deve ser solto no mesmo lugar que foi capturado. Se for possível, tente soltá-lo em um remanso para não obrigá-lo a nadar contra a correnteza. Enquanto o peixe estiver fora da água, deve-se mantê-lo na posição horizontal, principalmente as espécies de couro, e nunca o levantá-lo pela cauda, nem pressioná-lo entre as pernas.



Medidas e normas para a pesca

No caso da pesca esportiva, a quantidade máxima permitida de peixe a ser levado do Alto Pantanal é determinada pela Lei Estadual Nº 9893 DE 01/03/2013:

“Art. 17 É permitido ao portador da Carteira de Pescador Amador uma cota de captura e transporte de até 5 kg (cinco quilos) e um exemplar. É indispensável o porte da licença de pesca amadora durante a pesca e no transporte do pescado. A pesca somente poderá ocorrer com anzóis simples, sendo proibidas quaisquer armadilhas, bem como redes e tarrafas”

Peixe	Medida Mínima (cm)	Peixe	Medida Mínima (cm)
Barbado	60	Jurupoca	40
Cachara	80	Pacu	45
Chimburé	25	Pacu Peva	20
Curimbatá	38	Piaú	25
Dourado	Pesca Proibida	Piavuçu	38
Jaú	95	Pintado	85
Jurupensen	35	Peraputanga	30

Lei Estadual de Nº 9895, de 07/03/2013, medidas mínimas para a captura de peixes no Mato Grosso

ATENÇÃO:

Trata-se de crime inafiançável, abater ou atirar em animais silvestres quer sejam de: pena, couro ou pêlo, bem como a pesca amadora ou profissional na época da piracema. (CAP: 263 EST./272 FEDERAL SUBTÍTULO DO MEIO AMBIENTE).

É proibido lançar latas, garrafas ou qualquer dejetos não assimiláveis, nas águas dos rios, baías, lagoas etc. (Art. 312 Cláusula XIII, 2º. DAS LEIS DA MARINHA DO BRASIL).

Toda embarcação de pequeno porte (lanchas/voadeiras) é considerada de alto risco, tornando seus usuários “náufragos em potenciais”. Portanto, para sua segurança é exigido sempre o uso de coletes salva vidas. (2º. DAS LEIS DA MARINHA DO BRASIL)

Deixe o Pantanal limpo para a próxima viagem!

Apesar da sua biodiversidade e importância ambiental, o Pantanal já segue ameaçado pela poluição, queimadas, uso de agrotóxicos, desmatamento, assoreamento entre outras degradações.

Dentre os males que afetam o Pantanal, o esgoto e o lixo urbano, como as garrafas pets e até móveis usados são frutos da falta de conscientização dos moradores e visitantes da região. As garrafas pets e os plásticos representam uma grave ameaça aos animais, pois acabam integrados à dieta alimentar dessa fauna ou produzem agentes tóxicos que ficam dispersos na região.

Sendo formado basicamente por rios de planície com vazão lenta, uma garrafa de plástico jogada em um rio da cidade de Cáceres/MT, por exemplo, pode levar até seis meses para sair dos rios do Pantanal. Tempo de degradação de alguns resíduos descartados como lixo:

Cerâmica Pneus vidros	Indeterminado
Cordas de nylon	30 anos
Embalagens Longa Vida	Até 100 anos (alumínio)
Garrafa de plástico PET	Mais de 100 anos
Esponjas Isopor Louças e Borracha	Indeterminado
Filtros de cigarros	5 anos
Metais Plástico	Cerca de 450 anos
Papel Papelão	Cerca de 6 meses
Sacos e sacolas plásticas	Mais de 100 anos



Telefones Úteis

PARA DENÚNCIA AMBIENTAIS

IBAMA	152
Marinha do Brasil- Agência Fluvial de Cáceres	(65) 3223-2722
Polícia Ambiental de Cáceres	(65) 3223-3542
Polícia Florestal – Cuiabá	(65) 3684-2972

HOSPITAIS

Pronto-socorro	192
Vigilância Sanitária	150

INFORMAÇÕES TURÍSTICAS:

Aeroporto Marechal Rondon	(65) 3614-2500
APPEC –Ass. Pescadores Profissionais de Cáceres	(65) 3223-1883
ASTAC -Ass. Transporte Aquaviário de Cáceres	(65) 9905-0322

SICMATUR - Secretaria de Indústria Comércio Meio Ambiente e Turismo de Cáceres	(65) 3222-3455
Terminal Rodoviário de Cuiabá	(65) 3621-3629
Terminal Rodoviário de Cáceres	(65) 3224-1067

EMERGÊNCIAS E ACIDENTES

Corpo de Bombeiros	193
Defesa Civil	199
Polícia Civil	197
Polícia Federal	194
Polícia Militar	190
Polícia Rodoviária Estadual	198
Polícia Rodoviária Federal	191

DENÚNCIAS

Procon	1512
SOS Criança	1407



Bichos do Pantanal

PROJETO AMBIENTAL

www.facebook.com/bichosdopantanal
twitter.com/BichosPantanal

www.bichosdopantanal.org

Apoio:



Universidade Federal
de Mato Grosso



Radboud University Nijmegen



Realização:



Patrocínio:

